**LIVRO INDEPENDÊNCIA FINANCEIRA E APOSENTADORIA EM**

**10 ANOS**

**Capítulo 8 – Poupança e Juros Compostos**

Neste capítulo iremos tratar de poupança e juros, dois assuntos que andam de mãos dadas quando o tema central se referir a investimentos. Antes, porém, há que se fazer uma distinção, pois o termo Poupança está muito ligado ao investimento que é o mais antigo, popular e tradicional do Brasil, a Caderneta de Poupança, a qual foi criada em 1861, quando ainda éramos um império, e que, em 2019, possuía 58 milhões de depositantes.

Apesar desses dados impressionantes a Caderneta de Poupança é hoje considerada, pelo pessoal que atua na área de investimentos, entre os quais me incluo, uma das aplicações menos atraentes do mercado, em razão da remuneração irrisória com que retribui a seus depositantes, bem como em virtude de outros senões, como é o caso do aniversário dela, ou seja, os rendimentos só são creditados ao investidor no mesmo dia do mês em que tiver sido feito o depósito e, caso ocorra um saque antes desse aniversário, mesmo que na véspera dele, os rendimentos não incidirão sobre a parcela sacada, nem mesmo parcialmente, como seria justo.

Assim, quando neste livro, ou em qualquer outro meio de comunicação, usarmos a expressão “poupança”, estejam certos de que não estaremos nos referindo à Caderneta de Poupança, mas sim ao ato de poupar, de juntar recursos de forma planejada e consciente, com vistas a investi-los de tal modo que sejam adequadamente remunerados com juros e outros proventos no mercado financeiro.

Estejamos cientes de que ´poupança e juros são elementos fundamentais na formação de nosso patrimônio, a poupança porque junta valores que terão sua remuneração diretamente proporcionais ao seu volume e os juros por serem os sinalizadores desses rendimentos.

Não podemos nos esquecer de que nossos aportes, ou seja, nossos investimentos, devem ser feitos preferencialmente todos os meses, ao invés de em prazos maiores, isto é, nossos investimentos devem ser realizados sempre que possível em prazos curtos, digamos, por exemplo, 300 reais por mês, e não 1.800 reais ao fim de cada 6 meses, pois desta forma haverá a incidência dos juros compostos sobre valores a cada mês e não a cada 6 meses, o que é muito mais interessante para o investidor.

É importante também sabermos selecionar as empresas das quais iremos adquirir ações ou cotas, pois na Bovespa há muitas que desde seu registro inicial jamais apresentaram prejuízo em seus balanços, são companhias sólidas, administradas com competência e profissionalismo, a maioria das quais distribui bons proventos a seus acionistas. Outro detalhe a se observar, no caso das ações, é a periodicidade com que a empresa faz essa distribuição, pois elas têm total liberdade para fazê-lo quando melhor lhes aprouver, seja trimestral, ou semestral ou anualmente, sendo preferível, para o investidor, as que fazem essa distribuição trimestralmente.

Se bem que há aqui um detalhe a se atentar, os proventos (dividendos e juros sobre capital próprio) que as empresas entregam a seus acionistas, são parte do lucro por elas obtido. Assim, se uma empresa tiver um lucro de um milhão de reais, ela poderá distribuir, digamos, 25 por cento a seus acionistas, parcelas trimestrais de 6,25 por cento cada uma, ou 8,33 por cento em parcelas quadrimestrais, ou 12,50 por cento em parcelas semestrais. Há algumas companhias, geralmente bancos, que preferem pagar mensalmente os proventos, porém, como eles habitualmente têm uma base acionária (quantidade de acionistas) muito grande, seus proventos costumam ser bem reduzidos, na faixa de centavos.

Não podemos nos esquecer de que aquele percentual do lucro, a ser distribuído aos acionistas, deve ser dividido entre todos os acionistas, o que nos leva a considerar, na análise que façamos das empresas, a quantas andam suas bases acionárias, pois fica evidente que, em igualdade de condições, se uma empresa tem dois milhões de sócios (acionistas), e outra tem quatro milhões, a que possui menos acionistas irá remunerá-los melhor que a outra, não é?

Eventualmente acontece de uma empresa distribuir dividendos meio que fora do programado, que são chamados dividendos extraordinários, os quais podem ter as mais diversas origens, mas geralmente advêm de recursos provenientes da venda de um ou mais imóveis de grande valor, o desfecho favorável de uma disputa jurídica, ser simplesmente consequência da boa gestão e capacidade de seus controladores etc.

Há investidores que adquirem ações de companhias em recuperação judicial, ou seja, que estão com problemas financeiros graves, e cujos papéis caíram a preços insignificantes, na expectativa de que elas consigam sair do atoleiro e, com isso, venham a se tornar boas oportunidades. Particularmente eu não invisto em empresas nessas condições, assim como também não oriento meus alunos a aportarem recursos em empresas que tenham apresentado prejuízo em qualquer balanço dos últimos 5 anos. Penso ser uma incoerência investir em companhias com esses perfis, quando há tantas empresas sólidas e lucrativas na Bovespa.

No que se refere a segurança de nossos investimentos, não podemos nos esquecer do mercado acionário dos Estados Unidos, o maior do planeta, onde estão as maiores empresas do mundo, gigantes em suas respectivas áreas. Hoje é muito fácil ter acesso ao mercado norte americano, converter nossos reais em dólares e ter rendimentos também em dólares. E não é preciso um valor muito alto para começar nesse mercado, parece-me que com um mil reais, ou um pouco mais, já se possa ter mais essa alternativa, muito válida, de se evitar o Risco Brasil que constantemente assombra nossos arraiais.

É conveniente que tenhamos sempre em mente, também, que devemos ter uma reserva de emergência, composta por um valor que seja suficiente para cobrir nossos gastos obrigatórios de pelo menos 6 meses, valor esse aplicado em renda fixa, livre para saque a qualquer momento, pois como se destina a fazer face a emergências, e sabemos que emergências não avisam quando irão chegar, temos que ter livres e desimpedidos os valores dessa reserva.

Consta em supostos anais do mercado financeiro, que Albert Einstein, um fora de série e gênio da física que nos deu a honra de transitar entre os terráqueos e nos legar a Teoria da Relatividade, entre vários outros conceitos revolucionários, teria formulado a seguinte frase: “Os juros compostos são uma das forças mais poderosas do universo e a maior invenção da humanidade, porque permitem uma confiável e sistemática acumulação de riqueza”. Vinda de um dos maiores físicos de todos os tempos esta frase expressa o pensamento de muitos matemáticos, unânimes todos eles nessa afirmativa. Achamos conveniente, no entanto, mantermos sob reserva a informação de ter sido Einstein o seu autor, até que mais luzes clareiem a questão, principalmente a parte que diz ser a maior invenção da humanidade, que, a meu ver, tem uma boa dose de exagero.

Principalmente porque os juros compostos nada mais são que a incidência de juros sobre eles mesmos, ou, como se diz corriqueiramente, juros sobre juros. Por exemplo, se você investir um determinado valor a uma taxa de juros mensais, digamos um mil reais a 1por cento ao mês. no primeiro mês você terá creditado em sua conta o valor dos juros combinados, dez reais, e sua conta terá um saldo de 1.010,00, sobre os quais incidirá a taxa de um por cento ao mês, e sua conta passará a ter 1.020,10 no segundo mês, e assim sucessivamente. Imagine se ao invés de um mil reais fossem investidos cinquenta mil reais, em um prazo de 5 anos, quanto teria ao fim do prazo. Vamos fazer a conta? O capital quase que dobra.

Consideremos ainda que a taxa de um por cento ao mês é facilmente superável por investimentos em renda variável (ações e fundos imobiliários), e que o prazo ideal para se investir com o objetivo de se aposentar em 10 anos, é esse mesmo, 10 anos. Imagine então os resultados que poderemos obter quando dispusermos de um capital de trezentos mil reais, ou mais, em que nossos investimentos poderão também ser comparados a uma bola de neve, que começa pequena lá no alto da encosta gelada, e vem rolando, a velocidade crescendo, seu tamanho cada vez maior, até que chega lá embaixo, que era seu objetivo, enorme, poderosa, fantástica.

Nossos investimentos podem ainda ser comparados à semente de uma árvore, que você planta em um vaso pensando em transplantar a plantinha para um local definitivo, assim que for possível. E você olha todos diariamente, cuida, coloca água, passam-se vários dias e nada. De repente, numa manhã você tem a grata surpresa, a frágil sementinha que você plantou, germinou e acabou de se dizer presente para participar do concerto universal, em que irá crescer e dar frutos. Assim acontece com nossos investimentos, que começam pequeninos e frágeis, mas que depois crescem e dão frutos, muitos frutos.

E atenção, para outra coisa, também importante, você não precisa se tornar um especialista em investimentos, vivendo debruçado sobre gráficos, estatísticas, balanços, relatórios. É aconselhável sim que você tenha os conhecimentos básicos do mercado financeiro, mas apenas o suficiente para poder tomar decisões coerentes, algo como necessitar de um tempo de apenas 30 minutos por mês para se inteirar de seus negócios, deixando para o pessoal especializado a incumbência de orientá-lo quanto às melhores alternativas. Aliás, nós, que fazemos parte desse pessoal especializado, que ministramos cursos, editamos livros, e mais um mundo de coisas, estamos aí para isso mesmo. Podem contar conosco.

É preciso, por fim, que se tome muito cuidado para que não nos aconteça de, eventualmente, venhamos a ficar em débito originário de saldo devedor em conta corrente bancária, ou de parcelas de cartões de crédito, ou de saldo negativo do cheque especial, pois sobre esses tipos de dívidas incidem encargos a taxas altíssimas, juros compostos na via contrária, capazes de nos atropelar e causar estragos a nossas estruturas financeiras.

Bons negócios a todos.